

# MANUAL TECNOLÓGICO

# cantinas

Gestão Socioambiental do Território de Atuação da COPPALJ



MANUAL TECNOLÓGICO

# cantinas

Gestão Socioambiental do Território de Atuação da COPPALJ

# CRÉDITOS

**Coordenação geral:** Mayk Arruda

**Coordenação editorial:** Mariana Castro

**Texto e diagramação:** Mariana Castro

**Ilustrações:** Paulo Roberto de Jesus

**Realização:** Central do Cerrado

**Parceiros:** ASSEMA e COPPALJ

**Apoio:** CEPF, IEB e WWF-Brasil

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO	7
O QUE SÃO CANTINAS?	14
COMO SURGIRAM AS CANTINAS?	17
QUAL A IMPORTÂNCIA DAS CANTINAS?	24
COMO FUNCIONAM AS CANTINAS?	28
JUVENTUDE E COOPERATIVISMO	36
MODERNIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO	39
AS CANTINAS DA COPPALJ HOJE	42
QUEM SOMOS	50
XOTE DAS QUEBRADEIRAS	52
REFERÊNCIAS	53



# APRESENTAÇÃO

O manual é um dos componentes do projeto Consórcio de Conservação e Uso Sustentável Babaçu Livre.

Produzido coletivamente como ferramenta de registro, memória e promoção do uso sustentável das florestas de babaçu, apresenta a tecnologia social das cantinas, espaços estratégicos de comercialização que tem como referência a experiência da Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (COPPALJ), em Lago do Junco e Lago dos Rodrigues, no Maranhão.

Esta publicação foi produzida a partir de uma série de entrevistas e trocas de conhecimentos, virtuais e presenciais, ao longo do desenvolvimento do projeto, no ano de 2021.

Foram entrevistadas lideranças históricas que compõem essa história de luta, desde antes da fundação da COPPALJ, até a juventude que hoje se insere nas atividades das cantinas nos mais diversos povoados da região.

Além disso, recorreremos ao material didático e conversas com pesquisadores que acompanharam, vivenciaram e, de alguma maneira, contribuíram com as conquistas aqui retratadas.

Com linguagem simples, visual e acolhedora, desejamos que esse material esteja nas casas daqueles e daquelas que compõem essa história, alcance outras comunidades e parceiros e sirva ainda de aprendizado e encorajamento para os novos desafios.

*Boa leitura!*



## INTRODUÇÃO

O cerrado é a segunda maior formação de vegetação da América do Sul, representando 5% da biodiversidade mundial e 30% da biodiversidade no Brasil, sendo considerada a savana mais rica em biodiversidade do mundo.



Por outro lado, o Cerrado é também o bioma que vem sendo mais desmatado em todo o país, com uma perda média de 1 milhão de hectares por ano desde 2009.

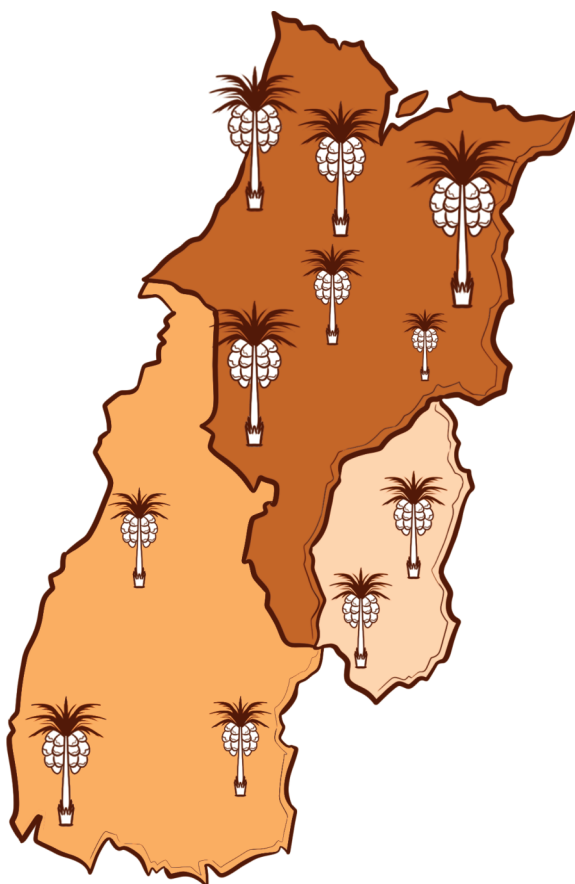
Metade da vegetação natural do Cerrado já foi convertida e a crescente demanda pela produção de commodities é um fator-chave para o seu futuro.

O extrativismo vegetal sustentável dos frutos do Cerrado é uma das principais alternativas para manter o “Cerrado em pé”, e ao mesmo tempo promover alternativas de renda para os povos e comunidades tradicionais do bioma.

A estruturação e o fortalecimento da cadeia de valor dos frutos do Cerrado é uma prática tradicional já amplamente difundida, focando principalmente no trabalho com cooperativas agroextrativistas de base comunitárias e centrais de cooperativas e produtores.

O babaçu (nome científico: *Attalea ssp.*), também conhecido como baguaçu, coco-de-macaco e, na língua tupi, uauaçu, é uma nobre palmeira nativa da região Norte e das áreas de Cerrado.

O fruto é encontrado em formações conhecidas como babaçuais, que cobrem cerca de 196 mil km<sup>2</sup> no território brasileiro, com ocorrência concentrada nos estados do Maranhão, Tocantins e Piauí.



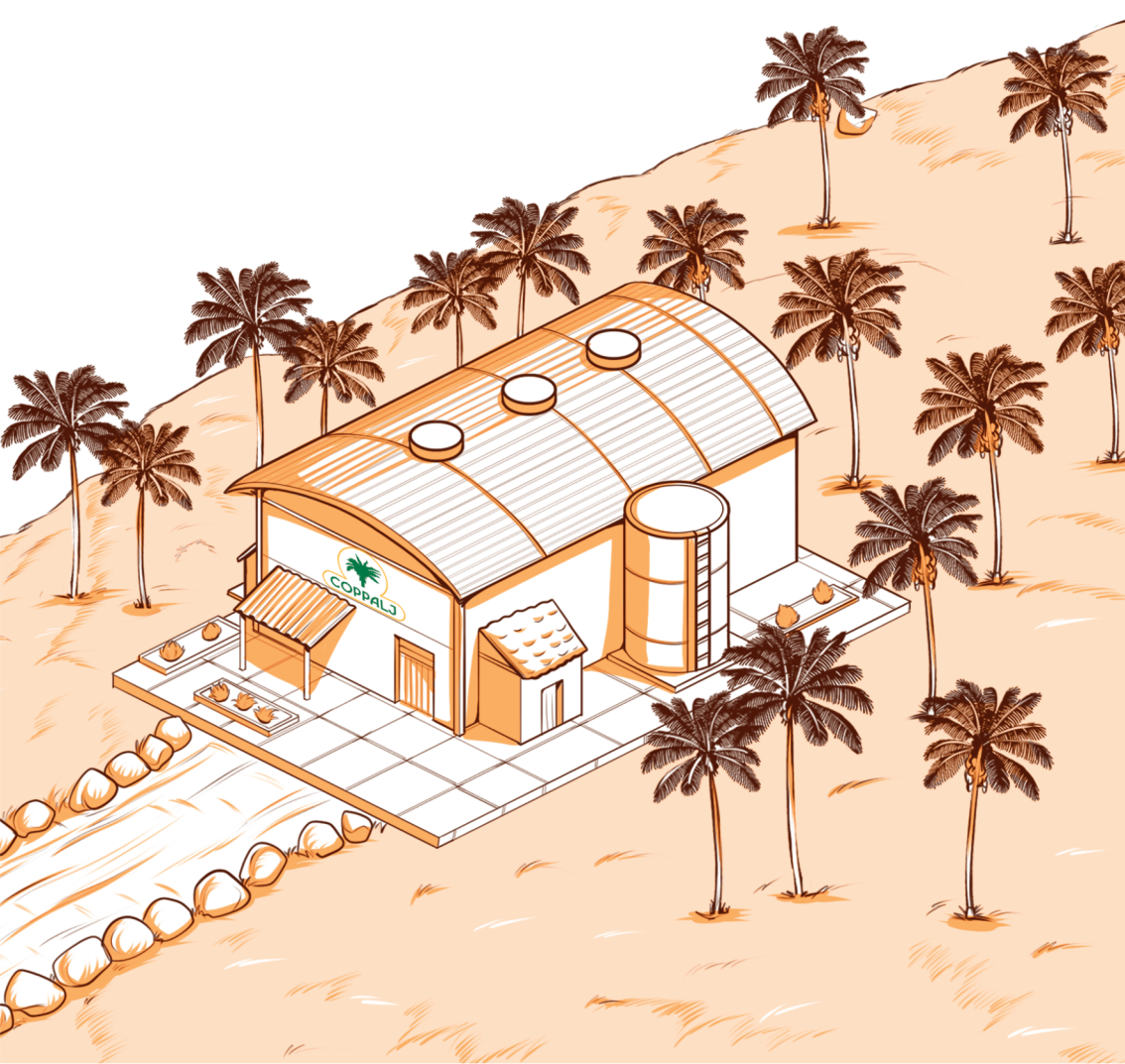
Costuma-se dizer que tudo se aproveita desta palmeira, mas o principal é a produção de óleo de coco do babaçu, amplamente utilizado na indústria cosmética, alimentícia, de sabões, detergentes, lubrificantes, entre outras.

A extração das amêndoas de babaçu é tradicionalmente caseira, feita pelas populações locais e pelas mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu.

Conflitos agrários ocorridos na década de 80 na região do Médio Mearim, no estado do Maranhão, deram origem a um forte movimento de resistência socioambiental, liderado por mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu que lutaram pela reintegração de posse de seus territórios tradicionalmente ocupados e pelo acesso livre aos babaçuais.

Esse movimento de resistência culminou na organização social e de produção dessa população tradicional, através de associações comunitárias, ONGs de apoio e cooperativas de produção e comercialização no início da década de 80.

Assim nasceu a Associação de Mulheres Trabalhadores Rurais de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues (AMTR), considerada hoje como uma “Associação Mãe” de todo esse movimento, logo depois a Associação em Aéreas Assentamento no Estado do Maranhão (ASSEMA), que atua até hoje como organização de assessoria e assistência técnica na região e a Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativista de Lago do Junco (COPPALJ), que desde sua fundação tem como foco o trabalho produtivo e comercial com o coco babaçu.



Para que, juntas, essas organizações pudessem extinguir a figura do atravessador, lutar pelo acesso aos babaçuais e assumir toda a cadeia de valor do coco dentro das áreas reintegradas, a estratégia foi construir um “jeito não predatório” de usar o coco (hoje tratado como manejo) e criar as cantinas, que funcionam como centros de recebimento, controle de qualidade e monitoramento político e socioambiental da cadeia do babaçu na região.

Com a experiência desenvolvida pela COPPALJ, o apoio técnico da ASSEMA e o respaldo socioambiental da AMTR, a cooperativa segue crescendo e firmando parcerias comerciais a nível nacional e internacional, a exemplo da The Body Shop, Aveda (EUA), Loreal (França), Mondo Solidale (Itália), Gustav Hess (Alemanha) e Natura.

Em 2010 a ASSEMA, a AMTR, a COPPALJ e outras organizações da região foram fundamentais para a criação da Cooperativa Central do Cerrado, com quem desenvolvem esse projeto, com o apoio financeiro do Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos (CEPF) e do WWF-Brasil.

Para somar forças e manter o extrativismo vegetal sustentável, as organizações apontaram a necessidade de criação de um consórcio dos envolvidos na cadeia de valor do babaçu abrangendo três grandes territórios, envolvendo tres grandes territórios, o Médio Mearim e Cocais no estado do Maranhão e a o Bico do Papagaio no estado do Tocantins.

Esse coletivo é chamado de Consórcio Babaçu Livre, capitaneado pela COPPALJ, com apoio da Cooperativa Central do Cerrado e ASSEMA.

Para que o Consórcio seja, de fato, desenvolvido coletivamente, a partir da troca de saberes, resgate e resistência, registramos aqui as experiências que refletem o respeito aos modos tradicionais de uso e conservação

das áreas de babaçuais e a gestão comunitária do território, perpassando desde a conservação da biodiversidade até uma justa e equitativa distribuição de ganhos econômicos.

# O QUE SÃO AS CANTINAS?





*“A essência da cantina está na gestão  
das nossas amêndoas”*

Raimundo Ermino (sócio-fundador da COPPALJ)

As cantinas são estruturas comerciais localizadas dentro das comunidades extrativistas da cadeia do babaçu do Maranhão, fundadas por iniciativa da Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (COPPALJ).

Elas surgiram como ato de resistência de famílias que viviam sob o domínio de atravessadores e donos de terras na região do Médio Mearim, como um ponto de referência onde os cooperados e não cooperados podem levar as amêndoas de babaçu para trocar por itens de consumo ou efetuar a venda direta, por preços mais justos.



Geridas pelos associados e seus familiares, ao primeiro olhar as cantinas aparentam ser um comércio tradicional, pois oferecem produtos variados, mas o papel desses espaços vai muito além.

As cantinas são, na verdade, pontos estratégicos que mantêm vivo o manejo tradicional do babaçu, estimulam a preservação dos babaçuais, a independência e a geração de renda às Quebradeiras de Coco da região do Médio Mearim.

# COMO SURGIRAM AS CANTINAS?



Para entendermos o surgimento das cantinas, precisamos voltar alguns anos e conhecer a realidade da região e um pouquinho dessa luta pelo acesso ao babaçu. Vamos lá?

A nossa história começa em Lago do Junco, município no interior do Maranhão que se constituiu com a chegada de imigrantes do nordeste brasileiro que fugiam da escravidão e da seca.

Por volta dos anos 1930, a região se destacava por ser muito rica, cheia de água, mata, animais e com terras ainda não exploradas, que logo deram lugar às atividades de agropecuária e extrativismo.

Na área de transição entre a Floresta Amazônica e o Cerrado, a vegetação dominante no município é a palmeira de babaçu, garantindo a predominância da agricultura familiar, a partir do extrativismo da palmeira entre as principais atividades, ao lado do cultivo de arroz, milho, feijão e mandioca, bem como o cultivo de frutíferas e a criação de animais em quintais.

### **Lei de Terras, violência e exploração**

Nos anos 60, sob o governo José Sarney, o estado do Maranhão foi dividido em grandes áreas, por meio da Lei nº 2.979, de 17 de junho de 1969, conhecida como “Lei Sarney de Terras”.

Com anúncios de terras a “preço de banana”, sem concorrência pública e sem leilão, as terras do Maranhão

foram vendidas a grandes empresários rurais de outros estados.

O intenso desmatamento para criação de pasto deu início a graves conflitos fundiários, como a invasão de terras, assassinatos, a criação de organizações sociais e sindicais, prisão de lideranças populares e forte repressão do governo sobre os povos camponeses.

As famílias que viviam do extrativismo e cultivavam suas roças em terras devolutas, passaram a pagar renda aos chamados donos de terras, que dificultavam o acesso aos babaçuais e adquiriam as suas amêndoas de coco em troca de produtos como arroz e café.

Uma lembrança triste, mas comum a todos que viveram esse período é justamente a exploração. Conta-se que dez quilos de amêndoas de babaçu eram trocados por um quilo de arroz para alimentar a família.

### Criação da AMTR

Com a revolta coletiva das famílias e o apoio de setores progressistas da igreja católica, nos anos 80 tem início a luta efetiva pela terra, pelo livre acesso aos babaçuais e o fim da exploração.

Foram anos de intensos conflitos, até que em 03 de maio de 1989 foi criada a Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais (AMTR), considerada a associação “mãe” de todo esse movimento.

A associação surgiu a partir dos Clubes de Mães que existiam nos povoados da região e tinha o objetivo de constituir uma só associação que representasse os interesses das comunidades.

As mulheres reivindicavam desde o acesso à saúde e educação até a conscientização política e o aperfeiçoamento técnico para a produção de derivados do babaçu.

No povoado Ludovico, por exemplo, as mulheres se consolidaram desde a década de 80 na fabricação de sabão de coco babaçu, que era comercializado no próprio povoado, mas que acabou ganhando mercado também na zona urbana do município de Lago do Junco e deu forças à luta. Hoje, o sabão e sabonete são comercializados em diversas regiões do Brasil, sob o selo Babaçu Livre.

### Criação da ASSEMA

A organização e ampliação do papel da AMTR provoca a mobilização política e social das famílias, envolvendo agora não apenas as mulheres, mas também homens, jovens, igreja e outras organizações locais.

Elas compreenderam que para manter o trabalho extrativista, era preciso lutar não só pelo acesso ao babaçu, mas pela terra e por garantias de políticas públicas com garantias técnicas e jurídicas.

Por isso ainda no mesmo ano, em 1989, foi criada a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do

Maranhão (ASSEMA), com sede em Pedreiras, há 61km de Lago do Junco.

A ASSEMA foi constituída por agricultores(as) extrativistas do coco babaçu, que compõem e representam associações de mulheres extrativistas, comunidades quilombolas, associações de assentamentos, cooperativas de produção e comercialização, sindicatos de trabalhadores rurais, associações de jovens e grupos produtivos informais.

### **Criação da COPPALJ**

Com a intensificação do extrativismo, especialmente da cadeia do babaçu, as famílias entenderam que era necessário criar algo voltado para a segurança econômica, um ponto de referência, ainda que não soubessem da existência e do papel das cooperativas.

Com o apoio técnico da ASSEMA e da igreja católica, em 15 de abril de 1989 foi fundada a Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (COPPALJ), com o objetivo de organizar a produção e estabelecer mecanismos próprios de comercialização da produção de amêndoas dos assentamentos dos municípios de Lago do Junco e Lago do Rodrigues, além de estimular a autonomia econômica dos associados.

### **Criação das cantinas**

A partir de um termo de cooperação internacional, o projeto de fundação da cooperativa

garantiu, ainda em 1989, a construção de um armazém para as amêndoas, a aquisição de um caminhão, capital de giro inicial para a manutenção e a instalação das chamadas cantinas.

As cantinas foram instaladas em pequenos imóveis doados pelas próprias comunidades. No primeiro ano, em oito povoados: Pau Santo, São Sebastião, Centro do Aguiar, Ludovico, São Manoel, Morada Nova, Bertolino/Santa Zita e Centrinho do Acrísio.

Segundo os cantineiros fundadores, o nome foi escolhido justamente para ser um contraponto às quitandas e bodegas, que eram espaços de comercialização que remetiam à exploração de donos de terras e pequenos comerciantes.

Com cerca de 200 sócios, rapidamente a cooperativa ganhou o mercado e as cantinas se expandiram por outros povoados. Junto às outras oito unidades ativas, até 1995 foram instaladas mais sete, alcançando a marca de 15 cantinas: Centro dos Passarinhos, Cajazeiras, Aparecida, Macaúba, Três Poços, Zé Machado e Matinha.

No entanto, com o rápido avanço, aliado ao baixo conhecimento dos associados na área, foi necessário dar alguns passos atrás.

Os erros na administração levaram à perda total do capital de giro, o caminhão da cooperativa foi paralisado e, por algum tempo, a COPPALJ viveu uma fase de

descrédito e perda de cooperados, caindo para 64 sócios e o fechamento das cantinas: Morada Nova, Centro dos Passarinhos, Macaúba e Matinha.

Reerguidos, munidos de formação e suporte técnico, hoje os associados vivem uma nova fase de avanços e conquistas.

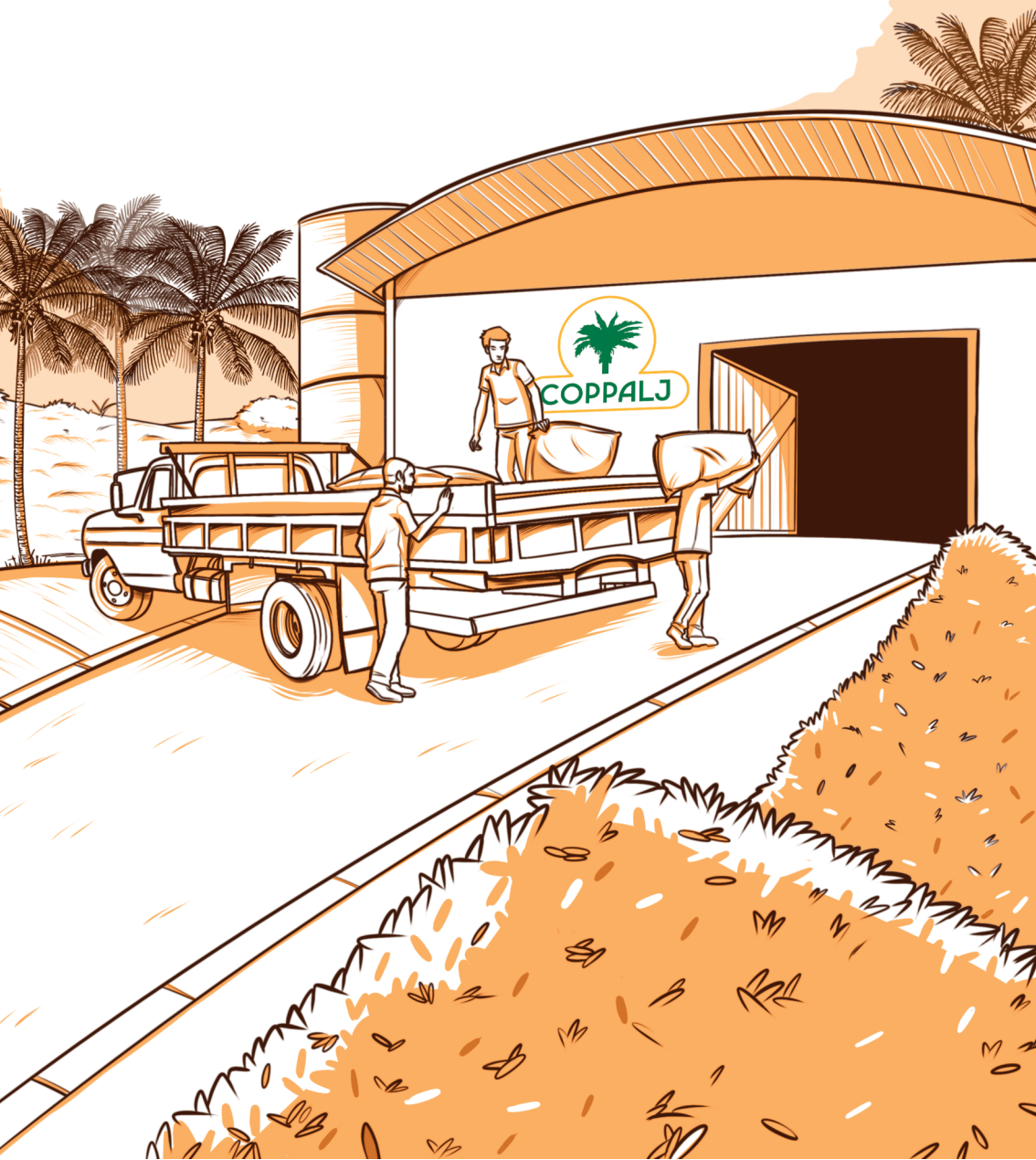
Com o beneficiamento do óleo de babaçu de origem sustentável na agroindústria, considerado o produto carro chefe da cooperativa, foi possível superar as dificuldades e alcançar o reconhecimento local, nacional e internacional.

Os contratos firmados nos últimos anos garantiram a abertura de três novas cantinas: Sítio Novo, Três Poços e São Francisco, com o gerenciamento atual de oito cantinas ativas: Centro do Aguiar, São Manoel, Três Poços, Ludovico, Centrinho do Acrísio, Bertolino/Santa Zita, São Francisco e Sítio Novo.

Além disso, foram abertos quatro pontos de compras de amêndoas de babaçu, que possivelmente serão transformados em cantinas futuramente, localizados nas comunidades de Santa Luzia, Santa Rita, Boa Vista e São João da Mata.



# QUAL A IMPORTÂNCIA DAS CANTINAS?



As cantinas enquanto sistema próprio de comercialização e gestão das amêndoas de babaçu foram fundamentais para eliminar a exploração por parte dos *patrões* e *atravessadores*, propiciar melhores condições de vida às famílias e elevar a luta do acesso aos babaçuais para uma luta coletiva em defesa das palmeiras e das florestas, da gestão sustentável, técnica e profissional dos frutos do Cerrado.

Enquanto naquele período as bodegas e quitandas dos donos de terras e pequenos comerciantes praticavam a troca de amêndoas de babaçu por itens de consumo básico a preços exorbitantes, as cantinas passaram a oferecer os mesmos itens, como querosene, fumo, arroz e café a preços mais acessíveis, não apenas para associados, mas toda a comunidade.

O preço das amêndoas passou a ser definido em assembleia entre todos os cooperados. Em 2021 foi adotado o valor médio de R\$ 3,50/kg, com o objetivo de, a médio prazo, alcançar o valor de referência da PGPMBio para a amêndoa de coco babaçu, fixado hoje em R\$ 3,80.

Muito além de um comércio formal, por estarem instaladas dentro dos povoados de atuação das Quebradeiras e seus familiares, as cantinas cumprem também o papel fundamental de diálogo, suporte, preservação ambiental e garantia de direitos.

Como são gerenciadas pelos próprios cooperados, as cantinas geram ainda um valor familiar, de proximidade, compreensão e acesso a benefícios às Quebradeiras, como empréstimos e repasses anuais.

Com o apoio de outras organizações e especialmente da ASSEMA, os cantineiros e cantineiras participam de cursos de formação e são estimulados a repassarem esses conhecimentos aos familiares e demais pessoas da comunidade.

As cantinas contam hoje com uma média de 1.500 produtos variados, que vão desde itens da cesta básica até limpeza, além de eletrodomésticos, material escolar, material de construção, insumos agrícolas, sementes, ferramentas de trabalho, equipamentos de segurança e outros.

Com um total de 210 sócios ativos e o suporte das cantinas, hoje o processo da COPPALJ que envolve a coleta e beneficiamento pela agroindústria gera renda direta para 980 famílias de Quebradeiras de Coco Babaçu e indiretamente para cerca de 2.000 famílias da região.

Desde 1999, ao final do ano a cooperativa faz doações das sobras operacionais em espécie, que é distribuída entre todas as famílias cooperadas, mantendo ainda uma reserva necessária para os custos e a garantia de bem viver aos cooperados.

A realidade das comunidades impactadas pelas cantinas emociona os que relembram o passado de sofrimento e exploração.

As casas de palha deram lugar a casas de alvenaria com materiais adquiridos nas próprias cantinas, além de eletrodomésticos como geladeira, fornos elétricos e ar-condicionado.

Na maioria das casas, o tradicional jumentinho que antes carregava os cofos de palha deu lugar às motos, que auxiliam as Quebradeiras no trabalho de coleta e entrega das amêndoas.



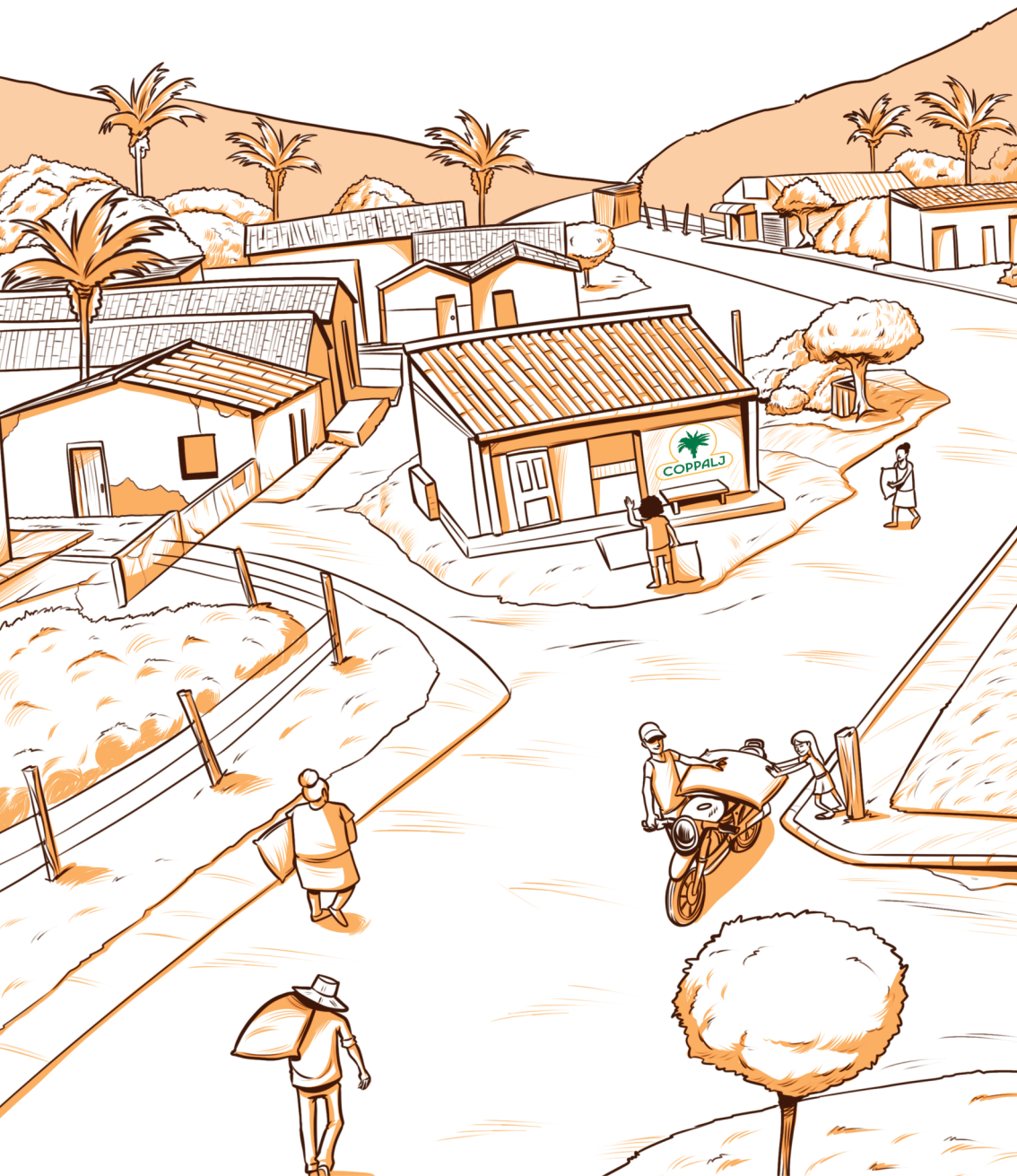
Viu, só? Parece um mercado, mas vai muito além! Para os associados, as cantinas são o coração e o cérebro da cooperativa.

Se uma cantina apresentar baixo desempenho, é um indicativo para a cooperativa de que aquela comunidade em específico precisa de maior atenção e cuidado para a produção.

As cantinas desempenham papel estratégico para a COPPALJ no que diz respeito à gestão das amêndoas, geração da renda familiar, oferta de produtos com origem reconhecida e aprovada pelos associados, por preços mais acessíveis.

Por isso hoje a cooperativa trabalha para manter, modernizar e expandir cada vez mais as cantinas em todos os territórios dos associados em suas comunidades.

# COMO FUNCIONAM AS CANTINAS



## Coleta do Babaçu



O processo produtivo da COPPALJ tem início a partir da coleta do babaçu nas áreas certificadas, que incluem os povoados dos municípios de Lago do Junco e Lago do Rodrigues, no Maranhão.

A coleta pode ser feita por qualquer pessoa, associada ou não, graças à luta histórica das mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu da região em defesa da Lei do Babaçu Livre, aprovada em 1997 sob a garantia de livre acesso aos babaçuais.

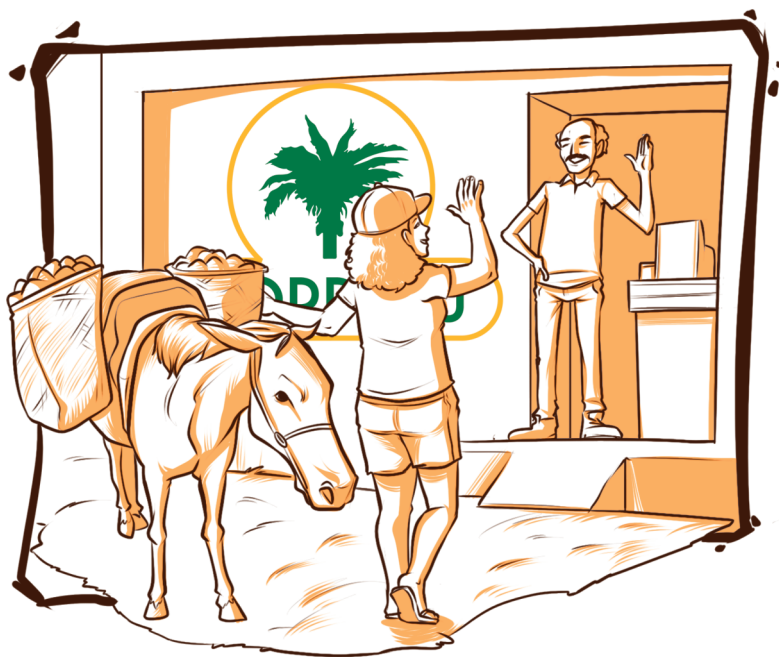
## Quebra do coco babaçu



Diferente da década de 70, quando as mulheres realizavam a quebra no local de coleta – no mato (capoeira) ou na solta (pastagem), atualmente a tendência é realizar a quebra no próprio quintal de casa, garantindo maior autonomia e aproveitamento do babaçu.

Debaixo de palhoças feitas com a palha da própria palmeira, elas dedicam horas à quebra, sozinhas ou com o apoio de familiares, utilizando como suporte ferramentas como a foice e o machado.

## Venda da amêndoa para a cantina



Livres do comércio informal e da necessidade de se deslocarem por longas distâncias, a comercialização das amêndoas é feita diretamente entre as Quebradeiras e as cantinas, localizadas dentro ou mais próximas das comunidades onde vivem.

Em geral, as Quebradeiras acumulam toda a amêndoa da semana em casa e levam até a cantina para a venda em um dia específico da semana.



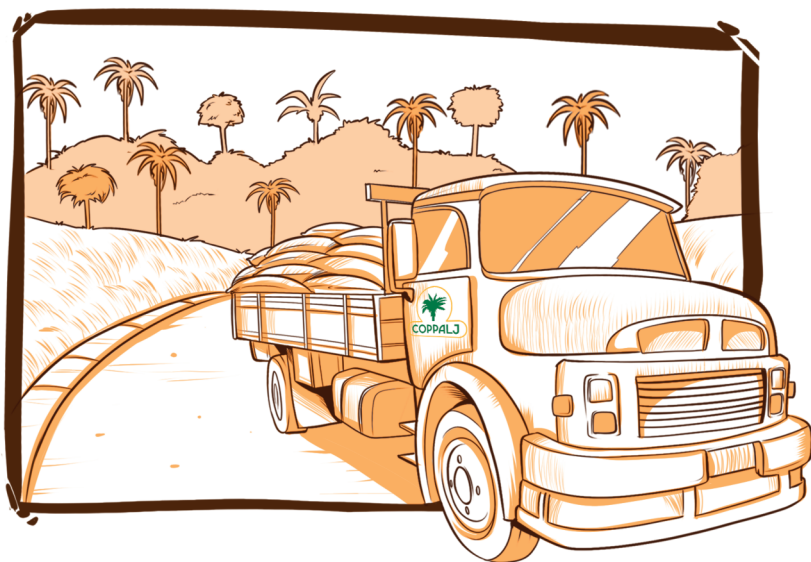
## Pagamento das amêndoas



Antes das cantinas as Quebradeiras eram exploradas pelos donos de terras e por atravessadores, que chegavam a cobrar dez quilos de amêndoas em troca de um quilo de arroz ou até dez quilos de amêndoas por um quilo de café.

Agora, no ato de entrega das amêndoas nas cantinas, as Quebradeiras têm a opção de receber em dinheiro ou trocar por produtos à escolha.

## Envio para a COPPALJ



As amêndoas recebidas nas cantinas são semanalmente coletadas por um caminhão da cooperativa, que visita as oito unidades e chega a coletar cerca de 16 toneladas por semana.

Toda a coleta é encaminhada para a fábrica da COPPALJ, localizada no município de Lago do Junco (MA), onde é feito o beneficiamento para a produção de óleo e articulada a comercialização junto aos comércios locais, nacionais e até internacionais.

## Refino do óleo



Na agroindústria da COPPALJ, as amêndoas recebidas com o suporte das cantinas dão origem ao óleo de babaçu filtrado, destinado à indústria cosmética e ao óleo de babaçu refinado, destinado à alimentação, ambos orgânicos certificados.

O ciclo que envolve a coleta e beneficiamento pela agroindústria gera renda direta para 980 famílias de Quebradeiras de coco babaçu dos três municípios e, indiretamente, para cerca de 2 mil famílias.

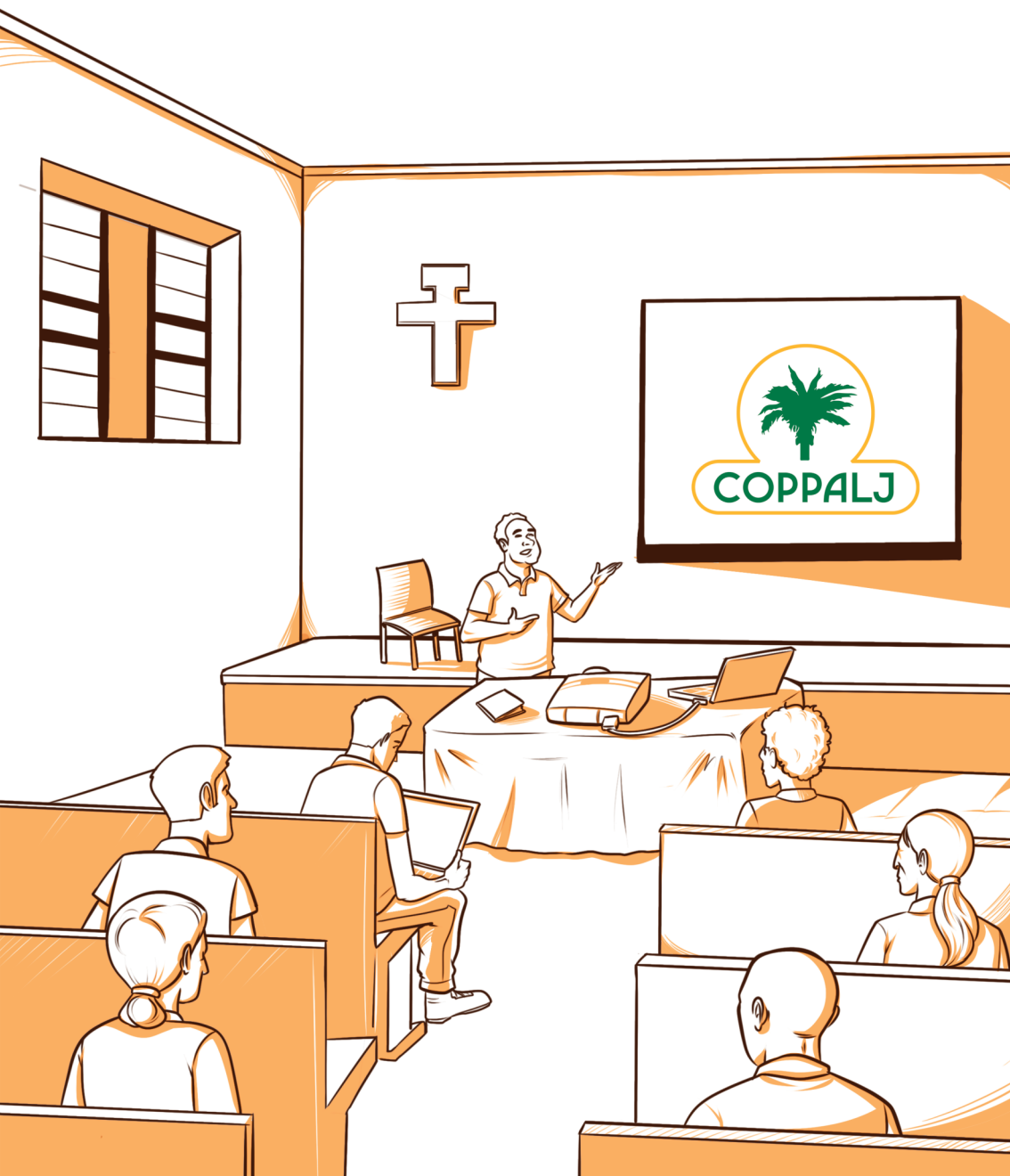
## Produtos do babaçu



Além de irem para os mercados, os óleos produzidos pela COPPALJ são encaminhados para associações parceiras, que dão origem a outros produtos, como o sabão e o sabonete de babaçu, da Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Lago do Junco (AMTR), além da torta de babaçu (o bagaço), resultante do processo de prensagem da amêndoa e utilizada como nutritiva ração animal na região.

Por fim, todos os produtos beneficiados retornam para as comunidades e são disponibilizados nas prateleiras das cantinas, por preços mais acessíveis que os praticados no mercado tradicional e geram renda para toda a cadeia de valor do babaçu de maneira coletiva e sustentável.

# JUVENTUDE E COOPERATIVISMO



Ainda que predominantemente dirigida por adultos e idosos, os jovens têm passado a ocupar espaços estratégicos nas cantinas e na própria cooperativa.

Em geral são filhos de associados que passam a seguir os passos dos pais ou demais familiares, mas com a popularização das cantinas e a oferta de postos de trabalho, a COPPALJ tem recebido também outros jovens da região.

Os jovens atuantes, seja na gestão das amêndoas de babaçu, por meio das cantinas, quanto do beneficiamento, por meio da fábrica, participam constantemente de cursos técnicos e político-sociais.

Além disso, a partir de uma luta que compõe essa história, hoje podem contar com as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), criadas pelos movimentos sociais, associações e entidades ligadas ao campo, em parceria com o Governo do Estado.

Engajados no que diz respeito à preservação do meio ambiente e ao pertencimento social à região, ministram palestras e são exemplos do potencial da juventude do campo.

Mas apesar de a atual situação garantir um grande avanço aos que viveram a exploração de outros tempos, a juventude anseia por muito mais e cobra novas perspectivas ao cooperativismo.

Eles explicam que a região ainda não proporciona o

estudo de que necessitam, como cursos avançados e universidade, por isso muitos deles, ao concluírem o ensino básico, deixam a região e a cooperativa em busca de outras oportunidades.

Compreendemos que a permanência da juventude no campo segue um desafio não apenas para a COPPALJ, mas para todos e todas que defendem um modelo de sociedade baseado na democratização da terra, valorização das diversidades e produção sustentável.

# MODERNIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO





Se antes cantineiros e cantineiras desafiavam a exploração, a fome e o analfabetismo, hoje se reinventam entre contratos internacionais, a ampliação e a modernização das cantinas.

Com melhores condições de vida, acesso a políticas públicas, cursos profissionalizantes, equipamentos e assistência técnica, as cantinas vivem um momento de novas perspectivas.

Além das oito cantinas ativas, atualmente a COPPALJ conta com quatro pontos de coleta de amêndoas de babaçu em fase de adaptação para que sejam elevados ao nível de cantina.

Enquanto isso, nos últimos dois anos todas elas passaram ou estão passando por reformas com recursos e materiais próprios.

Outro ponto importante é a modernização que vem acontecendo com a aquisição de um sistema eletrônico de controle de caixa e depósito, além de pagamentos via PIX e cartão de crédito.

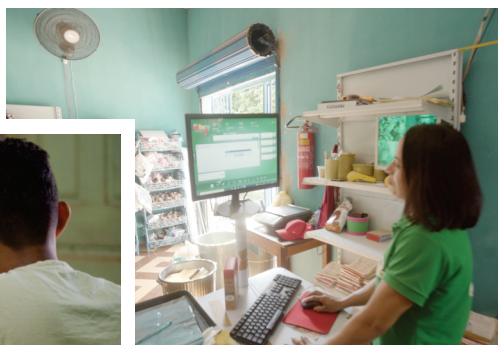
Encabeçada pela juventude, a princípio a modernização não foi bem vista por todos os associados, que admitiram receio e distanciamento das novas tecnologias, preferindo manter a tradição de um caderno de anotações.

Aos poucos os jovens estão assumindo esse controle e, com o auxílio técnico da ASSEMA e da

COPPALJ, tem acesso a equipamentos de informática e participam constantemente de cursos de aperfeiçoamento e aprofundamento no uso de sistemas de gestão e rastreabilidade.

Nos últimos anos de expansão, a cooperativa tem sido procurada por pessoas de outros povoados, indiretamente atendidos pelas cantinas, para que o sistema seja adotado em outros locais.

No entanto, os associados garantem que cada passo é dado de maneira coletiva, a partir da ampla compreensão do significado das cantinas, bem como da formação política e social de todos aqueles que desejarem se inserir nesse processo.



## CANTINA Povoado São Francisco



Comunidade agrega cerca de 100 famílias

Variedades de produtos: média de 2.900

Cantineiros: Dois

Venda mensal: média de R\$ 43.000,00

Compra mensal de amêndoas: média de 7.000kg

## CANTINA Povoado Ludovico



Comunidade agrega cerca de 420 famílias

Variedades de produtos: média de 3.700

Cantineiros: Quatro

Venda mensal: média de R\$ 107.800,00

Compra mensal de amêndoas: média de 5.500kg

## CANTINA

### Povoado Três Poços



Comunidade agrega cerca de 36 famílias

Variedades de produtos: média de 650

Cantineiros: Dois

Venda mensal: média de R\$ 26.000,00

Compra mensal de amêndoas: média de 5.200kg

## CANTINA Povoado Sítio Novo



Comunidade agrega cerca de 30 famílias

Variedades de produtos: média de 550

Cantineiros: Dois

Venda mensal: média de R\$ 32.000,00

Compra mensal de amêndoas: média de 5.900kg

## CANTINA

### Povoado Centro do Aguiar



Comunidade agrega cerca de 79 famílias

Variedades de produtos: média de 1.100

Cantineiros: Três

Venda mensal: média de R\$ 80.500,00

Compra mensal de amêndoas: média de 7.500kg

## CANTINA

### Povoado Bertulino/Santa Zita



Comunidade agrega cerca de 39 famílias

Variedades de produtos: média de 985

Cantineiros: Dois

Venda mensal: média de R\$ 44.000,00

Compra mensal de amêndoas: média de 5.500kg



## CANTINA

### Povoado Centrinho do Acrízio



Comunidade agrega cerca de 35 famílias

Variedades de produtos: média de 600

Cantineiros: Dois

Venda mensal: média de R\$ 20.500,00

Compra mensal de amêndoas: média de 1.700kg

## CANTINA

### Povoado São Manoel



Comunidade agrega cerca de 107 famílias

Variedades de produtos: média de 1.300

Cantineiros: Três

Venda mensal: média de R\$ 60.000,00

Compra mensal de amêndoas: média de 7.700kg

## QUEM SOMOS

**Central do Cerrado:** Central de cooperativas e associações que promove e comercializa produtos de diversas organizações comunitárias agroextrativistas desenvolvidos a partir do uso sustentável da biodiversidade do Cerrado e da Caatinga.

[www.centraldocerrado.org.br](http://www.centraldocerrado.org.br)

@centraldocerrado

**COPPALJ:** Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco.

@coppalj

**ASSEMA:** Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão.

[www.assema.org.br](http://www.assema.org.br)

@assema

**CEPF:** Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos, criado para assegurar a participação e contribuição da sociedade civil na conservação de alguns dos ecossistemas mais ricos do mundo do ponto de vista biológico, porém atualmente ameaçados.

[www.cepfcerrado.iieb.org.br](http://www.cepfcerrado.iieb.org.br)

@cepf\_oficial

**IEB:** Instituto Internacional de Educação do Brasil, organização com a missão de fortalecer os atores sociais e o seu protagonismo na construção de uma sociedade justa e sustentável.

[www.iieb.org.br](http://www.iieb.org.br)

@iieboficial

O **WWF-Brasil** é uma ONG brasileira que há 25 anos atua coletivamente com parceiros da sociedade civil, academia, governos e empresas em todo país para combater a degradação socioambiental e defender a vida das pessoas e da natureza. Estamos conectados numa rede interdependente que busca soluções urgentes para a emergência climática.

[wwf.org.br](http://wwf.org.br)



## XOTE DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

Letra e música: João Filho ou João Abelha de Praia Norte do Tocantins

Ei, não derruba esta palmeira  
Ei, não devore os palmeirais  
Tu já sabes que não podes derrubar,  
Precisamos preservar as riquezas naturais!

O coco é para nós grande riqueza,  
é obra da natureza,  
ninguém vai dizer que não.

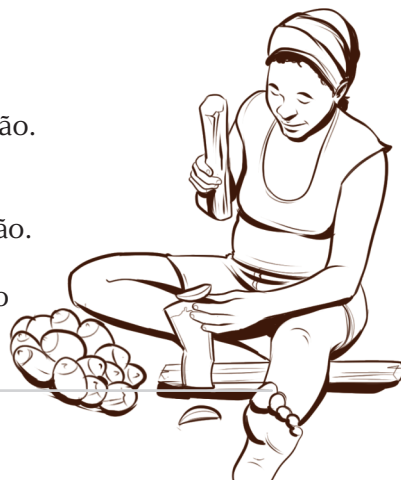
Porque da palha se faz casa pra morar,  
já é um meio de ajudar a maior população.  
Se faz o óleo pra temperar comida,  
é um dos meios de vida pra os fracos de condição.

Reconhecemos o valor que o coco tem,  
a casca serve também para fazer o carvão.  
Com óleo de coco, as mulheres caprichosas  
fazem comidas gostosas de uma boa estimação.  
Merece tanto seu valor classificado que,  
com o óleo apurado, se faz o melhor sabão.

Palha de coco serve pra fazer chapéu,  
da madeira faz papel, ainda aduba o nosso chão.  
Talo de coco também é aproveitado,  
faz quibane, faz cercado pra poder plantar feijão.

A massa serve pra alimentar o povo.  
Tá pouco o valor do  
coco, precisa dar atenção.  
Para os pobres, este coco é meio de vida.  
Pisa o coco, Margarida! E bota o leite no capão.

Mulher parada, deixa de ser tão medrosa!  
Seja um pouco corajosa, segura na minha mão.  
Lutemos juntas com coragem e com amor,  
pra o governo dar valor a esta nossa profissão



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MATOS, F. F. **Entre leiras e labaredas: a adoção da roça sem queima pelos agricultores do Município de Lago do Junco.** 2011. 172f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Pará, Belém. 2011.

Porro, R. (2019). **A economia invisível do babaçu e sua importância para meios de vida em comunidades agroextrativistas.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 14(1), 169-188.

SILVA, Linalva Cunha Cardoso. **Quebradeiras de Coco Babaçu, organização e mobilização no Lago do Junco e Lago dos Rodrigues, região do Médio Mearim (MA): a experiência da fábrica de sabonete.** 2018. Dissertação (Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia) Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

LINHARES, M. Y. **Quebradeiras de Coco Babaçu no Médio Mearim, Estado do Maranhão: (re)construindo identidades e protagonizando suas histórias em defesa de patrimônios coletivos.** Dissertação (Mestrado em Agriculturas Amazônicas) Universidade Federal do Pará, 2017.



# ANOTAÇÕES

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



# Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Manual tecnológico cantinas: gestão socioambiental dos territórios de atuação da COPPALJ / coordenação Mayk Arruda; ilustração Paulo Roberto de Jesus Costa. -- Brasília, DF: Central do Cerrado, 2022. Bibliografia.

ISBN 978-65-996953-0-8

1. Agricultura familiar 2. Babaçu 3. Cooperativa de Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (COPPALJ) 4. Economia - Aspectos ambientais 5. Gestão ambiental 6. Meio ambiente 7. Sustentabilidade ambiental I. Arruda, Mayk. II. Costa, Paulo Roberto de Jesus.

## Índices para catálogo sistemático:

1. Gestão ambiental : Conservação e proteção do meio ambiente : Economia 333.72  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Esta publicação está sob a licença da Creative Commons ([www.creativecommons.org.br](http://www.creativecommons.org.br)), que permite o uso dos textos para reprodução e utilização para fins não comerciais, desde que citada a fonte original.



Essa licença não vale para fotos e ilustrações, que permanecem em copyright.

## você pode:



Copiar, distribuir, exibir e executar a obra;



Criar obras derivadas.

## sob as seguintes condições:



**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.



**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.



**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.



Realização:



Parceiros:



Esta publicação tem o apoio de:



O Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos é uma iniciativa conjunta da Agência Francesa de Desenvolvimento, da Conservação Internacional, União Europeia, da Fundo Global para o Meio Ambiente, do Governo do Japão, e do Banco Mundial. Uma meta fundamental é garantir que a sociedade civil esteja envolvida com a conservação da biodiversidade.



"Esta publicação é um cofinanciamento entre a União Europeia e o CEPF, e faz parte das ações do projeto 'Gestão Integrada de Paisagem Sustentável no Bioma Cerrado no Brasil e no Paraguai'. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade de seus autores e não reflete necessariamente as opiniões da União Europeia."



Realização:



Parceiros:



Apoio:

